



União dos Povos Indígenas do Vale do Javari
“Unidos pela defesa e autonomia dos povos Indígenas do Vale do Javari”

Nota Esclarecimento

A Coordenação da Organização Indígena UNIVAJA, em nome dos povos Marubo, Mayoruna (Matsés), Matis, Kanamary, Kulina-Pano, Korubo e Tsohom-Djapá vem a público esclarecer a notícia divulgada no dia 19 de maio de 2020, no espaço “Fatos”, constante no site institucional da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, tendo como base a conferência virtual promovida pelo Instituto Brasiliense de Direito Público (IDP) no dia 16.05.2020:

É público e notório que a situação do órgão indigenista oficial já era deficitária há décadas, mas na atual gestão essa situação tem chegado a níveis deploráveis, no tocante a sua relação com as populações indígenas, à atual política de subtração e minimização de direitos das populações indígenas, à destruição do marco regulatório que tem definido as diretrizes da política indigenista ao longo dos anos; dentre as quais a demarcação, a proteção e a fiscalização dos territórios indígenas em todo território nacional. De todas as anomalias institucionalizadas na FUNAI pela atual gestão, a mais ardilosa foi o fato de mudarem o regramento legal interno, a toque de caixa, com a finalidade de nomear um missionário fundamentalista para cuidar de um setor vital aos povos indígenas em isolamento voluntário e de recente contato, como é a Coordenação Geral de Índios Isolados e Recente Contato – CGIIRC. Além disso, causa-nos repulsa assistir nos meios de comunicação o Presidente da FUNAI comemorando a usurpação dos direitos indígenas, ao lado de renomados anti-indígenas. Não por acaso, hoje, nossas lideranças além de descrentes com o órgão que deveria proteger o direito indígena, muitos afirmam ter “medo da FUNAI”, pelo que ela vem se apresentando no atual cenário.

A verdade é que, ao contrário do que afirmam no texto divulgado, as Bases da FUNAI no Vale do Javari estão inoperantes, sem as mínimas condições para exercerem suas atividades finalísticas. Nesse contexto, depois de mais de nove ataques consecutivos de invasores na Base de Vigilância Ituú em 2019, bem como o assassinato do colaborador da FUNAI Maxciel Pereira dos Santos, o Movimento Indígena do Vale do Javari insistiu nas denúncias desses descasos junto ao Ministério Público Federal e nas demais instâncias

competentes, o que culminou na decisão do Ministério da Justiça enviar integrantes das Foça Nacional para proteger o local. Porém, essa atuação vem sendo comprometida pela falta de barcos, insumos de logística e de pessoal capacitados e equipados para sua missão. Para se ter uma ideia “do compromisso institucional com a proteção das sociedades indígenas”, até hoje nenhuma autoridade da FUNAI procurou a família do servidor assassinado, que deu mais de uma década da sua vida a serviço do órgão indigenista na defesa das populações indígenas do Vale do Javari. E o que é mais grave, a FUNAI não demonstra nenhum empenho para que esse assassinato seja esclarecido, pois não houve nenhuma resposta nem da FUNAI e muito menos da Polícia Feral até esta data.

Dessa forma, os trabalhos que ainda vêm sendo realizados nos quatro posto de Vigilância em nossa região são resultantes muito mais do esforço pessoal de poucos servidores comprometidos com suas funções do que de uma ação deliberada no âmbito da instituição FUNAI. Os servidores não dispõem nem de EPIs funcionais e muito menos de proteção contra a COVID-19, tanto é que as atividades de controle de quem entra e sai na Base do Curuçá, por exemplo, está praticamente parado. Essa inoperância tem proporcionado o aumento consecutivo de invasões nas diversas regiões do Vale do Javari em pleno contexto de pandemia.

As medidas tomadas para o enfrentamento da pandemia no Vale do Javari estão apenas no papel, e mesmo assim nada mais é do que um “copia e cola” dos mesmos textos de outras frentes de proteção. Não há ações efetivas, de treinamento, de monitoramento e preparação para os possíveis cenários que, dado os desleixos atuais, as consequências da COVID-19 estão se aproximando rapidamente das aldeias do Vale do Javari, dentre as quais a dos recém contatados Korubo. A despeito da seriedade sobre o enfrentamento de uma doença com alta transmissibilidade, e potencial agravamento para letalidade com indivíduos com baixa imunidade biológica, nem os servidores da SESAI e muito menos da FUNAI e da Força Nacional têm demonstrado cumprir, rigorosamente, os protocolos de prevenção e controle. Isso poderá levar a extinção desses povos sob a guarda do estado brasileiro.

O fotógrafo **Sebastião Salgado** sabe mais sobre nós do que muitas autoridades que hoje ocupam os gabinetes da FUNAI em Brasília, esteve junto com os Korubo e com os Marubo por meses; nas nossas aldeias; nas nossas roças, com nossas famílias, ouviu e viu nossa realidade nos locais mais longínquos da nossa terra, portanto, tem conhecimento de causa quando fala e afirma sobre a realidade indígena e da FUNAI na Amazônia.

Atalaia do Norte – AM, **26 de maio de 2020.**

A Coordenação da UNIVAJA